

Rev. Interd. em Cult. e Soc. (RICS), São Luís, v. 6, n. 2, p. 15-27, jul./dez. 2020
ISSN eletrônico: 2447-6498

Biopolítica, Governamentalidade Digital e Tanatopolítica: idosos e a pandemia de covid-19¹

Biopolitics, Digital and Tanatopolitical Governance: elderly people and the pandemic of covid-19

FLAVIA CRISTINA SILVEIRA LEMOS.

Doutora em História Cultural (UNESP).

Professora associada II de Psicologia Social da UFPA. Bolsista de Produtividade CNPQ PQ2.

flaviacslemos@gmail.com

FELIPE SAMPAIO DE FREITAS.

Doutorando de Psicologia na UFPA.

felipesampaiodefraitas@gmail.com

HELENA CAROLLYNE DA SILVA SOUZA.

Graduanda de Psicologia-UFPA.

souzahelena392@gmail.com

JOSÉ AUGUSTO LOPES DA SILVA.

Graduando de Psicologia-UFPA.

augustolopes10@yahoo.com.br

RONILDA BORDÓ DE FREITAS GARCIA.

Graduanda de Psicologia-UFPA.

ronilda123bord@gmail.com

EDILENE SILVA TENÓRIO.

Graduanda de Psicologia-UFPA.

edileneneves909@gmail.com

RESUMO

Este artigo é um ensaio que aborda a pandemia pelo Covid-19, a partir de uma perspectiva biopolítica e biodigital, assinalando aspectos da precariedade acirrada vivida por idosos frente ao contágio pelo novo coronavírus e os efeitos nefastos deste em suas existências. Busca-se pensar elementos da sociedade de controle e os enquadramentos da política de morte dirigida a este grupo social quanto ao deixar morrer e ao estigma voltado aos idosos como estratégia de gestão da população, no presente. Portanto, visamos analisar práticas sociais que produzem quadros de ausência de proteção, de reconhecimento e expansão da vida de grupos marcados pelo envelhecimento, constituindo-os como um peso e problema para a sociedade contemporânea. Com efeito, utiliza-se a velhice como figura de um viver que não tem valor e não é digno de comoção nem passível de luto durante a gestão da pandemia por Covid-19.

Palavras-chave: Idosos. Pandemia de Covid-19. Biopolítica. Biovigilância. Precariedade.

ABSTRACT

This article is an essay that addresses the Covid-19 pandemic, from a biopolitical and biodigital perspective, pointing out aspects of the severe precariousness experienced by the elderly in the face of contagion by the new coronavirus and its harmful effects on their lives. It seeks to think about elements of the control society and the

¹ Artigo submetido para avaliação em 17/05/2020 e aprovado em 19/10/2020.

framework of the death policy directed at this social group regarding the letting die and the stigma towards the elderly as a population management strategy, at present. Therefore, we aim to analyze social practices that produce situations of lack of protection, recognition and expansion of the lives of groups marked by aging, constituting them as a weight and problem for contemporary society. Indeed, old age is used as a figure of living that has no value and is not worthy of commotion or mourning during the pandemic management by Covid-19.

Keywords: Elderly. Covid-19 Pandemic. Biopolitics. Biovigilance. Precariousness.

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a pandemia e algumas de suas implicações na vida dos idosos, em especial, no que tange à biopolítica e as ferramentas biodigitais contemporâneas de acesso aos dados e usos dos mesmos na gerência das vidas e na vigilância destas em nome da saúde e da segurança. Trata-se de um ensaio problematizador das práticas de governamentalidade digital e da biopolítica do fazer viver e do deixar morrer no presente, realizando o recorte por meio de Michel Foucault de governo das condutas da população, em especial, do deixar morrer de grupos de idosos, segmento este mais fragilizado e em maior vulnerabilidade no contágio pelo novo coronavírus em função de acumularem doenças que os deixam com a imunidade reduzida e pelo abandono dos mesmos pelos Estados no que tange às políticas sociais equitativas que os protejam.

Pensar o sistema de controle social pela biovigilância e seu espectro de biocidadania nos auxilia a interrogar até onde a seguridade social se torna mecanismo de lei e ordem, no Estado de Direito, favorecendo mais o controle empresarial do que a proteção garantista em uma democracia quando se trata de grupos com o acúmulo de situações de precariedade da vida em função de processos de desigualdades sociais e econômica intensificadas, em uma sociedade neoliberal. Neste aspecto, os trabalhos de Han (2018; 2020), Butler (2019; 2019) e Deleuze (1992) também contribuem para pensarmos as práticas sociais no presente do ano de 2020 em que emerge o acontecimento pandemia do novo coronavírus.

A biopolítica emerge na segunda metade do século XIX, no Brasil e passa a gerir a vida, a colocando na história pela noção de governo do corpo-espécie, organizado em segmentos populacionais a serem regulados em nome da saúde e da vida. Todavia, o momento em que mais se tentou fazer viver e cuidar da vida, a proteção foi marcada por um grande paradoxo, especificamente, a realização de grandes massacres, tais como: o nazismo, o fascismo, as ditaduras e as duas grandes guerras mundiais (FOUCAULT, 1988; 1999).

Além destes massacres, guerras civis, atentados, pandemias e genocídios fizeram parte da entrada da vida como um valor na história da sociedade contemporânea (FOUCAULT, 2008a; 2008a). No escopo do fazer viver de uma biopolítica se materializou também e

concomitantemente o que Foucault (1979) chamou de tanatopolítica. A morte se tornou uma estratégia política pelo deixar morrer e até mesmo pelo matar em nome da vida e da saúde de alguns frente a vida de outros (FREITAS & BARROS, 2019).

No caso dos idosos, é paradigmático vislumbrar o quanto este grupo social tem sido alvo de uma tanatopolítica do deixar morrer muito mais do que do fazer viver, apesar do aumento de expectativa de vida deste segmento da população. Uma ideia tem ganhado expressão, a de que um corpo idoso é um problema social por não ser considerado mais produtivo para o capital financista e empresarial. Com efeito, o idoso se tornou um peso para a sociedade de controle há a compra e venda de serviços em um capitalismo que se tornou flexível e volátil, mais voraz e pautado na lógica de empreendimentos constantes e investimentos velozes (DELEUZE, 1992).

A sociedade de controle aparece na segunda metade do século XX e apresenta um modo de subjetivação pautado na racionalidade empresarial de existência, em que as modulações do capitalismo se tornam rápidas e passam a operar pela compra e venda de serviços, pelo marketing como um gás da empresa e pela segurança em meio aberto em prol dos investimentos financeiros internacionais e do controle subjetivo tecnológico e por incorporação de uma subjetividade empreendedora e saudável. O controle em meio aberto ganha uma ampliação sem precedentes nesta nova sociedade e passa a aumentar os vetores *high tech* da vida *full time* (DELEUZE, 1992).

Para Butler (2018; 2019) toda vida é precária, porém, algumas se tornam mais vulneráveis por serem estigmatizadas, não reconhecidas, desprezadas, menosprezadas, alvo de discriminações negativas e preconceitos, posicionadas pelos usos de mecanismos de segurança no racismo de Estado e de sociedade enquanto não passíveis de luto, indignas de serem valorizadas e diminuídas em sua condição de humanidade por dispositivos de governamentalidade empresariais e práticas sociais que forjam enquadramentos que impedem o reconhecimento e apreensão das mesmas como dignas de comoção e proteção.

O IDOSO E A PANDEMIA DE COVID-19

Quanto às relações sociais e afetivas, o idoso é colocado em escanteio por muitas famílias, sendo concebido, muitas vezes, apenas como alguém que oferece uma pensão ou aposentadoria, mas que pode também ser visto como um prejuízo com um gasto maior que os ganhos em função do envelhecimento e de agravamento de quadros de adoecimento comuns à

velhice (FALEIROS, 2009). Neste aspecto, a realidade é acrescida de agravamentos em função da política econômica para do Estado neoliberal que intensifica processos de bem como para familiares que têm seus vínculos cada vez mais esgarçados e pouco permeáveis ao cuidado com idosos integrantes da família que são vistos enquanto incômodo e trabalho, no plano de uma sociedade caracterizada pelo que Bauman (2004) denominou de amor líquido.

A biopolítica entra na composição das estatísticas, da geografia, da epidemiologia, do preventivismo, a vigilância sanitária e as taxas de mortalidade, longevidade, natalidade, segmentações diversas por faixa etária, etc. dão contornos para a gestão da vida em nome da saúde tanto pela biomedicina quanto pela economia política. Assim, é possível traçar um quadro desta biopolítica do grupo de idosos pelo seguinte plano de forças: o idoso representa 13% da população no Brasil, segundo a projeção da população divulgada em 2018 pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), esse percentual tende a aumentar nos próximos anos, sendo necessário compreender que o envelhecimento dessa geração tem passado por várias transformações, no que diz respeito ao seu modo de viver (CAMARANO, 2020). A ideia de avanços na área da biomedicina, no desenvolvimento da tecnologia, e na adoção de uma nova postura, que engloba fatores nutricionais e sociais, por exemplo, impactam diretamente na expectativa vida deste grupo e assinala a governamentalidade a qual está sujeito.

Todo um detalhamento do governo das condutas pela regulação da vida opera pelos indicadores estatísticos e seus impactos na sociedade, como podemos observar nos quadros traçados pelo IBGE. Assim, é delimitado que os números tiveram um acréscimo significativo nos últimos 20 anos no Brasil, comparando com as últimas pesquisas que foram divulgadas entre 2009 e 2011. Essa faixa etária de terceira idade cresceu com 7,6%, chegando a mais de 1,8 milhões de pessoas, segundo aponta o IBGE (CAMARANO, 2020).

Portanto, de acordo com esses dados, em 2043, um quarto dessa população terá mais de 60 anos, diferente dos jovens de 14 anos, que serão apenas 16,3%. Com efeito, produz-se a realidade de que o envelhecimento populacional é uma realidade mundial, e neste novo cenário, o Brasil apresenta um crescimento populacional que, a partir da década de 1960, mostra alterações significativas na pirâmide etária da população (CAMARANO, 2020). É possível verificar

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atualmente há em média 28 milhões de idosos no Brasil, representando também um aumento de 50% da proporção de idosos se comparado com a última década (CAMARANO, 2020). Para Faleiros

(2009), o acompanhamento dor envelhecimento populacional deveria ser um processo que envolva concomitantemente ações sociais, econômicas e ambientais, não atrelado à visão relacionada às doenças, por exemplo, de cunho assistencialista e tutelar.

Bem antes da circunstância atual da Pandemia, que vem assolando a humanidade desde o início de janeiro de 2020, causados por surtos globais, caos, isolamentos sociais, mudanças de comportamentos, efeitos econômicos e culturais, encomendas políticas e geográficas, devastações intangíveis e uma situação de luto indescritível que parece não ter como acolher (HAN, 2020). Em meados do século XIV, a peste negra, que ficou conhecida por peste bubônica, como foi nomeada naquele período, era uma doença causada pela bactéria *Yersinia Pestis*, que gerou desespero e pânico, bem semelhante ao cenário atual em que a população mundial vem sofrendo. Estimativas divulgadas relatam que essa doença causou entre 75 a 200 milhões de mortes no planeta. Outras doenças como a gripe espanhola e a gripe suína, também causaram mortes em grande proporção, assolando diversos países (CZERESNIA, 1997).

O Covid-19 é uma doença causada por via respiratória. O vírus é transmitido pelo contato físico humano, através de gotículas e do contato com superfícies contaminadas, objetos que fazem parte da vida diária do homem em sociedade. O Coronavírus, como inicialmente era chamado, antes de ser uma pandemia se disseminou inicialmente em alguns países no mundo, como a China, por exemplo, que foi classificada de forma pejorativa como primeiro epicentro dessa doença, explicitando o racismo de Estado e de sociedade presentes na biopolítica aplicada à geopolítica e ao enquadramento dos países, regiões e cidades no presente da mundialização de nossa sociedade.

A propagação do vírus tem afetado diversos grupos sociais, e causado grande temor nos segmentos classificados em/de risco, entre eles os que apresentam doenças respiratórias como asma, pressão alta e diabetes, ou ainda a população idosa, que estão mais suscetíveis à contaminação pelo vírus. Dessa forma, o vírus está impactando principalmente o grupo da população idosa, onde se apresentam como mais vulneráveis, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). Lembrando que a biopolítica é um governo de uma totalidade nomeada como população, a qual passa a ser um alvo de gestão e é transformada em corpo-espécie biológica, sendo gerida por problemáticas etaristas e gerontológicas na biomedicina.

A ideia de risco e perigo é um alicerce das práticas biopolíticas, recortadas por probabilidades e cálculos epidemiológicos. Apresentar os idosos como grupo em/de risco é colocar esta população em uma condição de governo específica, com políticas dirigidas

exclusivamente a ela, a partir de uma concepção do desenvolvimento humano focada em ciclos de vida. Os fatores de risco, tais como: comorbidade e ausência de acesso a serviços de saúde, ou mesmo a condição socioeconômica e região de moradia são calculados por uma média pautada em normas sociais comparativas, apresentadas em curvas de normalidade encontradas pelo estabelecimento de modelos ideais para um determinado grupo (GORDIS, 2004).

Diante da pandemia, os idosos são apresentados como vulneráveis ao contágio durante a pandemia do novo coronavírus em função de ser comum, neste momento da vida, a acumulação de várias doenças, fragilizando o corpo dos idosos ao diminuir a imunidade e afetar com maior gravidade a saúde deste segmento da população, na medida em que ser infectado pelo Covid-19, em concomitância com diversas doenças agrava o estado já delicado de saúde do idoso, em geral. Evidentemente, trata-se de um perfil traçado por táticas biopolíticas, o que não é uma essência nem uma condição substantiva de um grupo. Com efeito, tal observação é importante para problematizarmos os estigmas e preconceitos colados nos corpos de idosos, na sociedade contemporânea, que caracteriza este segmento como custo e prejuízo, como problema social e peso pela queda na produtividade e por demandar mais assistência social e políticas variadas de seguridade social.

Em países da Europa, muitos idosos sofreram com o contágio por coronavírus, sendo que as taxas de letalidade foram mais altas neste grupo, na Itália e Espanha, por exemplo. Uma quantidade significativa de mortes aconteceu em casas de repouso e lugares ainda nomeados como asilos de idosos. Tal indicador é uma pista para a tanatopolítica a que são submetidos idosos na atualidade. O descaso, o abandono, o desprezo, a ausência de políticas sociais e de orçamento suficiente para proteger a vida dos idosos bem como o estigma, preconceito e discriminação negativa colaboram para o aumento das mortes. Portanto, a morte e do adoecimento, até mesmo uma doença tem uma história e uma política, não é um fato natural (CZERESNIA, 1997).

BIOPOLÍTICA E BIOGIVILÂNCIA NO CONTROLE DOS IDOSOS DURANTE A PANDEMIA

No momento da escrita deste texto vem ocorrendo a pandemia mais cruel do início do século XXI: a do coronavírus ou a *Covid-19* (Sars-cov-2); um vírus mortal, que provoca um tipo de síndrome respiratória aguda (*sars*); altamente infeccioso e de fácil transmissão

(ocorrendo pelo contato: através da tosse e espirros do infectado, ou, por meio do toque de objetos recentemente contaminados). Diversos pensadores contemporâneos vêm se posicionando a respeito deste enxame viral. Muitas das questões elencadas têm como alvo específico o atual modelo de produção e consumo exacerbados, isto é, o modelo *neoliberal*; ou ainda, o modo como certos governos e governantes lidam com o alastramento da pandemia (TESINI, 2020).

Em 22 de março de 2020, algum tempo após o alastramento do vírus, o filósofo e ensaísta germano-coreano Byung-Chul Han (2020), professor da Universidade de Berlin, lançou uma nota deveras crítica e chamativa na qual mencionou que “A Europa está fracassando”; no caso, na contenção do vírus. Quase um mês após Han (2020) ter escrito isto podemos ver, com muito mais profundidade e crivo analítico, os resultados do modelo de controle pandêmico utilizado pelo governo chinês para o estancamento da crise iniciada no final de 2019.

Embora muitos líderes de países – geralmente os da direita política – culpabilizarem o Partido Comunista Chinês (PCC), e seu líder, o presidente Xi Jinping, como “causadores” (GRIFFITHS, 2020) da atual crise mundial; e, desta maneira, acabarem ocasionando uma série de racismos e hostilidades étnicas para com os povos asiáticos, por meio de frases como “o vírus chinês”, “a gripe da China”, “o vírus de Wuhan”, “vírus PCC” ou “gripe Xi”; não se pode negar que, dos países que vem sofrendo com a derrocada do vírus, a China obteve destaque mundial na prevenção do mesmo, devido às suas medidas de *biossegurança* e *biovigilância*; aliadas decisivas para contornar tal problema (a questão toma destaque ainda maior se lembrarmos que Wuhan fora o primeiro epicentro mundial do vírus). Deixaremos a discussão político-ideológica, bem como, a do racismo de Estado (um tema de grande importância presente no eixo dos estudos biopolíticos de Foucault e vários outros filósofos contemporâneos ainda vivos) para outro momento (AGAMBEN & NANCY, 2020).

Aqui, prevalece, em específico, entendermos e problematizarmos a que se deveu tal sucesso, da parte da China, e, de modo geral, dos outros países asiáticos, como Coreia do Sul ou Singapura; nações às quais Han (2018) destacou em seu texto, no mês de março, como sendo (ao nosso ver) antípodas às ocidentais, por terem lidado de forma muito melhor com a crise: “Ao que parecer, a Ásia tem melhor controlado a pandemia do que a Europa.

Indo direto ao ponto, o principal método utilizado pelo governo chinês para barrar o alastramento do vírus dentro de seu território, foi e está sendo o da vigilância digital ou biovigilância. Segundo Han (2020), há também peculiaridades do povo asiático que

convergem: uma mais geral, relacionada à própria cultura do povo oriental, e outra específica do próprio modelo político securitário chinês, no caso, o uso da tecnologia.

O governo chinês, por meio do controle de dados dos cidadãos e do uso massivo de câmeras de vigilância espalhadas pelas cidades (estima-se que na China existam cerca de 200 milhões de câmeras), consegue, por exemplo, saber quem atravessa na faixa de pedestres, quem compra e consome alimentos saudáveis, quem lê os jornais ligados ao governo, e tantas outras intervenções na vida cotidiana que, nós ocidentais, diríamos ser uma invasão da “esfera privada”, diga-se de passagem, um vocabulário que não existe no idioma chinês, segundo Han (2020). A tecnologia das câmeras de vigilância é tão avançada que sua inteligência artificial é capaz da captação de imagens mínimas, como pintas nos rostos dos cidadãos, até a temperatura corporal dos mesmos.

Deste modo, se alguém está em condições térmicas preocupantes, rapidamente os sistemas de coleta de dados identificam tanto a pessoa “doente” quanto as que estão próximas, assim, avisando-as para que se protejam. Han (2018) explica que é quase inexistente a crítica a tal controle dentre os países asiáticos, e problematiza: aparentemente, o uso de tais tecnologias se tornou eficaz e situa-se muito à frente das medidas tomadas pelos europeus, como por exemplo, a do fechamento de fronteiras.

A segurança territorial contra a hostilidade de um vírus mortal, apoiada no uso de diversos dispositivos tecnológicos digitais e virtuais hiper avançados, traduz-se, também, por meio da inovação na governamentalidade, outrora debatida por Foucault, ou melhor, na ressignificação de tal neologismo, que é carregado de significados ainda atuais: a segurança não é mais algo somente ligado ao corpo físico e à limites territoriais bem estabelecidos, ou à relações diplomáticas. Agora é também informatizada, uma governamentalidade biodigital ou governamentalidade de dados.

Para Trimmel (2020), o debate a respeito dos *big data*, pelo menos no mundo ocidental, já é algo que reverbera há algum tempo, se lembrarmos das eleições que elegeram Donald Trump, acusado de tirar vantagem de tais meios em sua campanha; ou, se retrocedermos mais alguns anos, quando do escândalo de invasão norte-americano à sistemas de diversos governos do mundo, dentre eles o brasileiro (que tinha à frente, na época, a presidenta Dilma Rousseff). Já há a discussão da “segurança de dados”, ou mesmo de uma legislação nova chamada “Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)”; e, no Brasil, temos o “Marco Civil da Internet”, ou lei nº 12.965/2014, que regula o uso da internet no

nosso país, estabelecendo direitos e deveres dos cidadãos mediante o uso da mesma (MOROZOV, 2018).

Em meio à toda a discussão aqui estabelecida e admitindo que muitos pontos não de ser resolvidos em pesquisas futuras, ou mesmo em tempos que ainda virão, retornemos às primeiras colocações desse texto, convidando o leitor a refletir: ainda pode-se falar em liberdade na internet? Ou, melhor formulando: *é possível* a liberdade na internet? Queremos a liberdade na internet? Questões suscitadas quando olhamos com lente de aumento as diversas microrelações “digitais” de poder, presentes no tempo do *dataismo* exacerbado (HAN, 2018).

No Brasil, o número de idosos mortos em decorrência do contágio com o Covid-19 só é menor do que o de homens, em um recorte etário e de gênero. Também vale destacar que este número tem um viés de classe social e racial, na medida em que as mortes são maiores entre idosos e homens pobres e negros. Contudo, o agravamento de sintomas e as mortes ocorrem também nas diferentes faixas etárias, em mulheres, em etnias indígenas bem como em crianças e jovens.

Em 15 de maio de 2020 já há 14.455 mortes registradas oficialmente pelo novo coronavírus, no país, sendo que os números são bem maiores porque estão subnotificados. A população com maior índice de letalidade está na faixa de 70 anos de idade em diante. Não houve testagem em toda a população brasileira e há mortes que não foram identificadas como efeito do contágio porque o registro no cartório das mesmas foi realizado em função de uma classificação chamada síndrome respiratória grave.

Este acontecimento é um marcador alarmante em termos de um deixar morrer a população, na medida em que mortos se tornam números sem rosto e suas existências perdidas não são lamentadas ao serem transformados em indicadores e, menos ainda quando não aparecem nem nas estatísticas. O número já é um analisador da banalidade posta quando está descontextualidade da governamentalidade que o deixou morrer, em uma determinada sociedade. Agora, o corpo que não entrou nem nas estatísticas se torna uma sobrevivida considerada de menor valor ainda, produzida como indigna e abjeta em um racismo de Estado e de sociedade.

Nos Estados Unidos, até 12 de abril de 2020, havia duas mil mortes de idosos de asilos, em Nova Iorque. Este dado assinala o quadro de um deixar morrer de pessoas institucionalizadas e segregadas como as suas vidas tivessem menos valor, nos cálculos biopolíticos. No Brasil, esta realidade pode ser bem mais cruel e não ganhará visibilidade pelo

fato de existir uma grande subnotificação e pouca transparência na divulgação das mortes e da condição em que as mesmas ocorreram, infelizmente.

Um corpo sem nome e sem rosto em valas comuns é o cenário do enquadramento de fotografias da pandemia no país, neste momento. Vê-se fotos de caixões e sacos pretos lançados ininterruptamente em valas abertas sob pressão, em cemitérios expandidos nas últimas semanas a toque de caixa. Ora, é possível observar que este ato de não lamentar nem descartar corpos em valas comuns e sem possibilidade de viver o luto salienta a dimensão biopolítica do deixar morrer e a transformação de corpos em um dado em bancos digitais apenas para protocolos administrativos e burocráticos. Algumas vezes, nem como dados são materializados, na medida em que ficam à margem da cidadania e são jogados em cemitérios como vidas indignas e sem valor para uma sociedade voltada ao mercado que vende e compra serviços e só se importa com quem pode investir ou gerar renda para forjar lucro e estar disponível para ser mercadoria nos empreendimentos econômicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível concluir que a composição de dados na biopolítica e governamentalidade digital são parte do controle dos corpos de idosos no deixar morrer atual em relação à pandemia pelo Covid-19. Em alguns países, este processo é bastante acirrado, como na China e, em outros, menos como no Brasil, na medida em que, apesar de deixar morrer, o segundo país controla menos os corpos pelos indicadores estatísticos e tecnologias de vigilância digitais.

Os idosos foram produzidos como lixo a ser descartado na sociedade de controle e foram forjados como meras estatísticas em taxas de longevidade e mortalidade, sendo vistos como um problema social, econômicos e cultural, em uma dimensão tanatopolítica da biopolítica. A biovigilância dos mesmos é mais uma tecnologia de controle deste segmento para não contagiarem os mais novos e seus corpos devem ser descartados, em um processo explícito de uma política de morte dentro da gestão da vida. O cuidado passa a ser na gerência de um cadáver de tal forma que ao ser enterrado ou incinerado não contamine os corpos saudáveis de trabalhadores ainda vigorosos para serem explorados pelo mercado empresarial.

No bojo desta biopolítica, não se chora as mortes dos idosos nem há comoção diante da dor deles e parece não existir constrangimento desta sociedade que naturaliza a morte para justificar que o idoso estaria ao final de um suposto ciclo de vida, logo, caminhando naturalmente para a morte como destino biológico, na concepção de uma tanatopolítica.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio; NANCY, Jean-Luc. et. al. **Sopa de Wuhan: pensamento contemporâneo em tempo de pandemias**. Editor: Pablo Amadeo. Buenos Aires: Editorial ASPO, 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/pablo.amadeo.editor/>

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Vigilância Líquida: diálogos com David Lyon**. Tradução: C. A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In: CAMARANO, Ana Amélia, organizadora. **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro. IPEA, 2004. pp. 253- 292. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>> Acessado em: 23 de Abril de 2020.

CZERESNIA, D. **Do contágio à transmissão: ciência e cultura na gênese do conhecimento epidemiológico**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.

DI BLASI, Erica. "Italians over 80 'will be left to die' as country overwhelmed by coronavirus." In: **The Telegraph**, 2020. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/2020/03/14/italians-80-will-left-die-country-overwhelmed-coronavirus/>

EVGENY. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. Tradução: Danilo Marcondes. SP: Ubu Editora, 2018, p. 9.

FALEIROS, Vicente de Paula. Cidadania e direitos da pessoa idosa. **SER Social**, n. 20, p. 35-62, 14 ago. 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. Tradução: José T. Coelho Neto. SP : Perspectiva. 2013.

FOUCAULT, Michel. **Naissance de la biopolitique : cours au Collège de France**. Paris: Éditions Seuil/Gallimard. 2004.

FOUCAULT, Michel. **Sécurité, territoire, population : cours au Collège de France**. Paris: Gallimard/EHESS/Seuil. 2004.

FOUCAULT, Michel. **Surveiller et punir : naissance de la prison**. Paris: Éditions Gallimard. 1975.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FREITAS, Felipe Sampaio de. & BARROS, Roberto de A. P. de. “Notas sobre biopolítica: organicismo e politicismo antecedentes a Michel Foucault”. In. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**; Macapá, v. 12, n. 1, p. 109-122, jan./jun. 2019; ISSN 1984-4352; DOI: <http://dx.doi.org/10.18468/pracs.2019v12n1.p109-122>

GRIFFITHS, James. “Modelo chinês de controle da pandemia atrai mais defensores”. In. **CNN Brasil**. 30 de Abr. de 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/04/29/modelo-de-controle-da-pandemia-chines-atrai-mais-defensores> ; Acessado em: 30 de Abril de 2020.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Tradução: Maurício Liesen. BH: Editora Âyné. 2018.

HAN, Byung-Chul. “La emergencia viral y el mundo de mañana”. In. **Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempo de pandemias**. Editor: Pablo Amadeo. Buenos Aires: Editorial ASPO, 2020: p. 97. Disponível em: <https://www.instagram.com/pablo.amadeo.editor/>

HAN, Byung-Chul. “O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã.” In: **El País**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>

GORDIS, L. **Epidemiologia**. São Paulo: Revinter, 2004.

LYON, David. “9/11, Synopticon, and Scopophilia: watching and being watched.” In. HAGGERTY, Kevin D. & ERICSON, Richard V. (Eds.) **The new politics of surveillance and visibility**. Toronto/Buffalo/London: Toronto University Press. 2006.

MACIEL, Daniel. & MACHADO, Daniela. “Biovigilância e governabilidade nas sociedades da informação”. In. MACHADO, Helena. & MONIZ, Helena. (Orgs.) **Base de dados genéticos forenses: tecnologias de controlo e ordem social**. Coimbra: Coimbra Editora. 1ª Ed. 2004.

MILLER, Jacques-Alain. “A máquina panóptica de Jeremy Bentham”. Trad.: M. D. Magno. In BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. Org.: Tomaz Tadeu. Traduções: Guacira L. Louro, M. D. Magno & Tomaz Tadeu. 2ª Ed. BH: Autêntica Editora. 2008.

MOROZOV, Evgeny. **The net delusion:** the dark side of internet freedom. New York: Public Affairs. 2011.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech:** a ascensão dos dados e a morte da política. Tradução: Danilo Marcondes. SP: Ubu Editora. 2018.

SVAMPA, Maristella; CRAGNOLINI, Mónica. et. al. **La Fiebre:** pensamiento contemporáneo em tiempo de pandemias. Editor: Pablo Amadeo. Buenos Aires: Editorial ASPO, 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/pablo.amadeo.editor/>

“Template: 2019-20 coronavirus pandemic data.” In **Wikipedia:** the free encyclopedia. Disponível em:

https://en.wikipedia.org/wiki/Template:2019%E2%80%9320_coronavirus_pandemic_data ; Acesso em: 28, abr. 2020.

TESINI, Brenda L. “Coronavírus e síndromes respiratórias agudas [covid-19, mers e sars]”. In **Manual MSD: versão para profissionais de saúde**. Abr./2020. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt/profissional/doen%C3%A7as-infecciosas/v%C3%ADrus-respirat%C3%B3rios/coronav%C3%ADrus-e-s%C3%ADndromes-respirat%C3%B3rias-agudas-covid-19,-mers-e-sars> ; Acessado em: 30 de abril de 2020.

TRIMMEL, Michael. “Homo informaticus: Thinking and moral values of humans are shaped by human-computer-interaction.” **Res. Rev. Insights**, 1, n. 1, 2017. 1-4. Disponível em: https://www.oatext.com/homo-informaticus-thinking-and-moral-values-of-humans-are-shaped-by-human-computer-interaction.php#Article_Info ; Acesso em: 28, abr. 2020.